

## IDEOLOGIA CAPITALISTA E A PRÁXIS PEDAGÓGICA

**Luiz Carlos A. Neves**

Universidade Estadual de Maringá

O presente artigo tem como objetivo levantar algumas variáveis intervenientes do processo ideológico na práxis pedagógica dos países de dependência ou “associados”.

Teria sido Destrutt de Tracy o criador do termo “ideologia”, e o primeiro a usá-lo em seus escritos. O dicionário nos define ideologia como — “Pensamento teórico que pretende desenvolver-se sobre seus próprios princípios abstratos, mas que, na realidade, é a expressão de fatos, principalmente sociais e econômicos, que não são levados em conta ou não são expressamente reconhecidos como determinantes daquele pensamento”<sup>1</sup>. A ideologia, portanto, não se baseia no fato histórico, mas em seus próprios princípios abstratos. Por essa razão, ela tem sido um dos instrumentos teóricos mais usados pelo homem no intuito de convencer o seu semelhante a aceitar seus pressupostos. Não podemos tomar a ideologia como sinônimo de erro, todavia, ela tem sido utilizada para transformar certas atividades humanas ou sociais em simples repetição. Assim, muitas das práticas sociais admitidas como livres, são em verdade, a aplicação de uma ideologia ampla. Por isso, toda atividade humana deve ser pensada e repensada.

A ação pedagógica é uma prática social e, por essa razão, precisa ser pensada dentro dos parâmetros econômicos, sociais e históricos em que se realiza. Comumente ela não tem sido examinada assim nos países de dependência.

Engels considerou a sociedade como conjunto de práticas econômicas, sociais, políticas etc. Entre todas elas — dizia ele — é a econômica que permite explicar as estruturas que se desenvolvem nas instituições de cada sociedade<sup>2</sup>.

A prática econômica é, no regime capitalista, dominante e determinante das demais. Neste sentido, a prática pedagógica não pode ser tomada como um elemento ideativo mas, conexo à prática econômica que a determina. Destarte, a prática pedagógica pode ser tomada como um momento do próprio trabalho de transformação capitalista de divisão do trabalho.

No pensamento de Marx e de Althusser, a prática econômica se sobrepõe às demais, constituindo a infra-estrutura que suporta as outras práticas sociais, uma vez que contém as forças de produção e determina as relações sociais de produção<sup>3</sup>. Neste sentido, a práxis pedagógica antes de

determinar, é determinada ( pela prática econômica ), e por isso consagra na sua ação os padrões e idéias prevalentes no contexto social econômico. Isso determina que, as idéias e ideais exauridos pela escola têm sua origem na sociedade, tal como estabelecida em seu fundo econômico e, portanto, seguem os fundamentos ideológicos nela dominantes.

Para sua própria infelicidade, a prática pedagógica se efetua historicamente sem esta consciência de que a educação, formal ou não, sofre as influências do poder econômico. Isso se dá, pelo fato de, para que uma sociedade subsista, tal como é, é necessário que se realize a reprodução das relações sociais de produção.

É a escola o principal meio de que a sociedade lança mão para a consecução dessa tarefa. Neste sentido a escola se estabelece como um aparelho de reprodução das relações sociais existentes, sem possibilidade de escapar desta situação, uma vez que, é mantida dentro de uma legislação que, por sua vez, corresponde aos anseios da classe dominante, detentora dos meios de produção e do poder<sup>4</sup>.

A ideologia que emana dos princípios capitalistas, exerce um trabalho dissimulador no sentido de esconder os verdadeiros interesses da classe dominante.

É Marx que nos mostra como se dá a passagem do ideológico-político para o jurídico-político que, por sua vez, vem fortalecer a legalidade da classe dominante. Para ele, esta passagem se dá quando o trabalhador é extorquido no seu trabalho e de onde o capitalista retira a mais-valia<sup>5</sup>. É porém, a Escola que prepara o indivíduo socialmente para que esse impasse se concretize. Ela "domestica" o futuro trabalhador, fazendo-o aceitar, desde cedo, a situação social que lhe está determinada, levando-o a considerá-la como justa, legal e imutável. Mas a escola não faz isso de si mesma, mas o faz pela ideologia capitalista que nela está implícita.

O modo de produção capitalista só pode existir, dentro da estrutura jurídico-política de mútuo apoio. É pelo Direito que a prática econômica capitalista é legitimada por intermédio dos conceitos de liberdade, tal como preconiza o capitalismo, e foi introduzida no Direito a partir do início do regime capitalista, que permitiu a criação do mercado de trabalho com que a burguesia pôde explorar produção artesanal.

O Direito a partir daí passou a existir em função das relações sociais de produção e no sentido de legitimar a situação de exploração do trabalho pelo capitalista. O Direito existe enquanto formal, para ocultar as verdadeiras relações sociais de trabalho e de produção. Concretamente, é a ideologia adetada que faz funcionar o Direito\*. Neste sentido, o Direito legitima a idéia da naturalidade da exploração do que tem capital sobre o que não tem.

---

(\*) No caso dos países dependentes, a ideologia tem origens exógenas, e tenta legitimar as relações de exploração existente entre os países-centro e periféricos ( dependentes ).

Por outro lado, o Estado — composto pela classe dominante — garante por seus aparelhos a ordem social.

L. Althusser revela-nos que o Estado atua de duas maneiras na sociedade, por aparelhos distintos: os aparelhos ideológicos e os aparelhos repressivos. No primeiro inclui-se a práxis pedagógica. A Escola, diz Althusser, é um aparelho ideológico ( porque dissemina ideologia ) usada pelo Estado para reproduzir as relações sociais existentes e manter a produção pela qualificação diferenciada da força de trabalho<sup>6</sup>.

A História nos mostra que os avanços ou retrocessos da Escola estão relacionados com os movimentos econômicos. Nas sociedades estáveis do tipo agrário, a educação se volta para a transmissão de habilidades, tradições e valores. Quando o progresso econômico se amplia, a Escola tem mostrado uma tendência de acelerar a sua expansão, oferecendo mais vagas e ampliando seus cursos. Uma produção mais elaborada, requer novas habilidades. Desta forma, a prática educacional se liga diretamente à prática econômica. Assim sendo, é impossível pensar a educação sem o contexto econômico.

## A IDEOLOGIA DA CULTURA CAPITALISTA

À medida que se especificam as relações capitalistas de produção, são também gerados elementos culturais que possibilitam a continuidade desta situação, sem os quais o capitalismo não subsistiria. Octávio Ianni lista alguns destes elementos, separando-os em dois grupos.

Primeiro:

- a) Princípio de propriedade.
- b) Definição que salário é preço justo pago pela força de trabalho.
- c) Lucro empresarial como remuneração justa de emprego do capital e trabalho do empresário.
- d) Troca de mercadoria ( compra e venda independente das relações econômicas, sociais e políticas ).
- e) Contrato de trabalho como instrumento justo.
- f) Valorização da eficácia, competição, espírito prático, mentalidade objetiva, empatia às ordens.
- g) Identificação do capitalismo com desenvolvimento.

Segundo grupo:

- a) Política de segurança. Eliminação das lideranças que venham ameaçar a ordem capitalista.
- b) Etnocentrismo — considerando os padrões étnicos e de civilização europeus como superiores<sup>7</sup>.

Estes elementos ideológicos são introduzidos nos países dependentes através de todos os meios disponíveis de comunicação e formação, como a a escola. Toda esta estrutura ideológica é necessária à reprodução das relações sociais e permite a continuação do processo de exploração existente, entre indivíduos, classes, países. Essa verdadeira “indústria cultural” é que permite a manipulação da opinião das classes sociais\*. Assim são impostos ideais, valores e noções que garantem no seio das nações periféricas e dependentes a continuação do domínio econômico por parte das nações-centro.

Theodore Adorno diz que:

“Através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência, jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses do homem”<sup>8</sup>.

Diz Adorno que “o espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; toda a conexão lógica que revela esforço intelectual é cuidadosamente evitada”<sup>9</sup>.

Enzensberger diz ainda, “A indústria da consciência constitui um importante ato público de manipulação e intervenção onde a cultura burguesa se revela com seu conteúdo repreensivo”<sup>10</sup>.

A análise dos textos escolares utilizados no ensino, podem-nos dar com facilidade o grau de profundidade de atuação da ideologia atuante na escola\*\*. A ação ideológica que visa à formação de um pensamento alienado, na realidade desde cedo o consegue, por intermédio da prática pedagógica estabelecida.

Marcuse, referindo-se a esse fato, em seu livro “Ideologia da Sociedade Industrial”, comenta:

“A racionalidade ideológica e técnica revela o seu caráter político ao se tornar o grande veículo de dominação mais eficaz, criando, um universo verdadeiramente totalitário, no qual a sociedade e natureza corpo e mente são mantidos num estado de permanente imobilização para preservação deste universo”<sup>11</sup>.

É o domínio dos recursos intelectuais que garante a propagação da ideologia da classe dominante, porta-voz do grande capital internacional. Esse domínio produz novos bens culturais de aparência enganosa,

(\*) Como exemplo da ação ideológica exercida pelos países-centro, ditam-se alguns documentos como: Fullbright Act 1946; Smith-Mundt Act 1948; Poit Four Program 1949; Fullbright-Hays Act 1961; etc.

(\*\*) Recomenda-se a leitura do trabalho desenvolvido por Maria de Lourdes Nosella, “As Belas Mentiras” — Ideologia Subjacente aos didáticos — Cortez & Moraes, S. Paulo, 1979.

que surgem como se fossem do próprio povo dominado. Tudo isso existe sob uma capa de coexistência pacífica, mostrando um progresso realmente inexistente e que sufoca toda a ação intelectual que vise a repensar a situação.

## INTERNACIONALIDADE, IDEOLOGIA E MODERNIDADE

A transferência da ideologia necessária à internacionalização do processo de exploração estabelecido pelo capitalismo se faz pelo princípio de modernidade.

Eisenstadt, considerado o maior vulto defensor da modernização, afirma em uma de suas obras mais famosas que — “o desenvolvimento de um país passa a ser desafio para outros países que se encontram na periferia subdesenvolvida”<sup>12</sup>. Evidentemente ele posiciona sua idéia a partir dos conceitos econômicos neo-clássicos que preconiza, que o desenvolvimento se processa de forma linear, isto é, vence etapas subseqüentes, pelas quais, todos os países deverão passar até chegar ao desenvolvimento. Dentro deste conceito, o princípio de modernidade é um elemento importante, e faz criar nos países periféricos a idéia de aceitação do que é importado e imposto pelos países tidos como desenvolvidos.

De Smith a Keynes e seus seguidores, é unânime a idéia de que o princípio de modernidade é importante para que se estabeleça a dependência\*. Aceitar que é necessário modernizar para chegar ao desenvolvimento, é aceitar os modelos exportados pelos países tidos como modernos, É aceitar a ideologia dos países-centro.

Kuznets e outros economistas atuais, reconhecem três fontes que permitem a internacionalização da ideologia que fundamenta a expansão capitalista:

- a) Estoque mundial de conhecimento.
- b) Fluxos internacionais de recursos e mercadorias, na direção periferia-centro.
- c) Atos de agressão para açambarcar privilégios ou exercer domínio colonial<sup>13</sup>.

Vimos até aqui que a ideologia capitalista aparece tanto na infra-estrutura, como na superestrutura de uma sociedade dependente, e que envolve não só relações materiais, mas também, as intelectuais. Destacamos também que a práxis pedagógica é um dos principais elementos dessa ideologia. Assim, as produções espiritual, intelectual e material do capitalismo são, ao mesmo tempo, condições e produto que visam a um único objetivo: a apropriação.

(\*) Muitos desses laços de dependência, não aparecem claramente. Estão dissimulados e, por isso mesmo, não podem ser mensurados.

Como diz Marx, "São as idéias, noções, valores e doutrinas produzidas no capitalismo, como exigência da formação e reprodução que compõem a cultura espiritual do capitalismo"<sup>14</sup>.

## TECNOLOGIA E IDEOLOGIA CULTURAL

Vimos acima que o estoque de conhecimento é uma das fontes que sustenta o capitalismo imperialista. Essa fonte, depende de uma renovação permanente do acervo científico e processos técnicos. Por essa razão, nos países-centro, o intelectual tem um lugar de destaque e têm todos o apoio para desenvolver o seu trabalho e pesquisa; o mesmo não acontecendo nos países dependentes. Nesses, o intelectual é sempre arrastado a um segundo plano, mesmo que de valor. A ideologia infiltrada nas camadas dirigentes leva-os a crer que, é mais barato comprar tecnologia dos países-centro que produzi-la. Kuznets, referindo-se ao crescimento dos periféricos diz:

"O crescimento econômico dependerá sempre da adoção de inovações tecnológicas e sociais, geralmente produzidas nos países capitalistas já desenvolvidos"<sup>15</sup>.

Este é o tipo de pensamento fundamental da ideologia capitalista dos centros inserida nos países periféricos. Desta forma, internacionaliza-se também a idéia de que não pode haver desenvolvimento sem importação de tecnologia dos países-centro.

"O caráter monopolístico da indústria cultural capitalista, cria amplas possibilidades de integração de seus consumidores, segundo as exigências da reprodução imperialista do capital. O capital monopolista, operando, em escala mundial, traduz, publica e distribui, nos países associados dependentes, toda a modalidade de produção intelectual que corresponda a valores, princípios e doutrinas próprios da cultura burguesa"<sup>16</sup>.

A cultura burguesa mistifica, por sua ideologia, toda a sua realidade, desfigurando ou desconhecendo todo esforço crítico<sup>17</sup>. Assim o indivíduo é mantido alienado da realidade e incapaz de criticar, não só o contexto social, como também a sua própria produção. Isso contribui eficazmente para a não-formação do espírito científico nos países dependentes.

## A IDEOLOGIA, O PROFESSOR E SUA PRÁXIS

São várias as maneiras de perceber o papel do professor na sociedade capitalista.

Durkheim nos define os objetivos da práxis educativa no contexto social capitalista. Diz ele:

“A educação consiste em uma socialização metódica das novas gerações. Cria no homem um novo ser”<sup>18</sup>.

Assim, a educação é vista como instrumento que leva o homem das suas virtualidades hereditárias até atingir a personalidade necessária para cumprir o papel que lhe está destinado na conjuntura social. Aqui o professor é um modelador idealista.

Outra visão é dada por Passeron e Dreeben que consideram a educação no contexto capitalista, um instrumento que prepara o indivíduo para a transição da família para a esfera do trabalho. Isso é feito pelos critérios universalistas de avaliação, disciplina e mordomia do tempo, contidos na ideologia capitalista. Na opinião de Passeron e Dreeben o trabalho do educador está reduzido a preparador para trabalho, a serviço, portanto, dos ideais da produção e reprodução do capital.

Para Inkeles, Armer e Youtz, a educação tal como desenvolvida no capitalismo, expõe o indivíduo ao pensamento científico-racionalista, levando-o a aplicar os conhecimentos adquiridos de uma forma racional. A prática pedagógica seria a principal colaboradora na formação de uma mentalidade mecânica e, portanto, não natural.

Finalmente, para Baudelot, Establet, Althusser, Boales e Gentis, a educação é o mais importante aparelho ideológico do Estado. Na sua práxis, a Escola inculca crenças e valores consagrados pela classe dominante, garantindo assim a reprodução das relações sociais de produção.

Nessa visão, a práxis pedagógica está impregnada de ideologia: a visão da classe dominante que, por sua vez, é o principal elemento de apoio dos capitais estrangeiros dentro dos países dependentes. A ideologia que envolve a educação, determina, por ela mesma, a divisão social do trabalho, preparando de forma diferente os indivíduos e destinando-os assim, uns para a produção e outros para a direção.

Dentro dessa perspectiva, a figura do professor assume papel de instrumento das camadas privilegiadas, donas do capital e do poder político. Assim, o professor exerce a sua função, segundo os objetivos determinados fora de seu âmbito de ação e longe de sua influência.

## DEPENDÊNCIA E A IDEOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Os países dependentes depositam na educação as suas maiores esperanças de desenvolvimento. Por isso, com facilidade aceitam as importações de modelos educacionais que lhes são oferecidas pelos países-centro. Sem terem desenvolvido anteriormente a capacidade crítica, por já serem historicamente dependentes de muito tempo, ou por terem recentemente

saído do colonialismo, são presas fáceis da ideologia capitalista internacional. A aceitação de modelos educacionais, quase sempre inadapáveis às suas próprias condições, leva-os geralmente a maiores gastos com técnicos e especialistas trazidos dos países-centro. Com esses técnicos vem a necessidade de importar material didático tido como indispensável e necessário à modernização da educação\*.

Diz Faure: "Os investimentos em educação nos países novos estão muito além de suas capacidades financeiras. Produzem mais diplomados que a economia pode absorver, de modo que muitos permanecem desempregados; isso é improdutivo e causa danos sociais e psicológicos tão vastos que desequilibram a sociedade"<sup>19</sup>.

O mal não está em investir em educação, mas em que tipo de educação. O tipo de educação geralmente adotado, leva a transformar tudo em termos de treinamento vocacional e ajustamento à ordem industrial<sup>20</sup>.

Por outro lado, a educação, para que sirva aos propósitos do capitalismo, precisa ser planejada para tal. Como toda a planificação, tem o objetivo de dominar. Isto é, de buscar uma maneira certa de controlar a administração e os resultados. Daí será difícil crer em distorções causais na educação de países dependentes. A administração do ensino é mais que sistematização de técnicas. Envolve uma filosofia, uma ideologia. Essa reflexão, que é posterior à ação pedagógica, tem uma relação dialética e crítica para com a prática real<sup>21</sup>.

A educação planejada dentro da visão economicista dá uma imagem mítica ao ensino, que é "facilmente identificada por discurso acadêmico", como diz Darcy Ribeiro<sup>22</sup>. É uma educação ideária, por isso mesmo presa da ideologia, alheia à realidade social. Os cursos e currículos não proporcionam um estudo da realidade. Sem esquemas conceituais concretos fazem, por isso mesmo, do trabalho pedagógico uma prática vazia e desinteressada. Pierre Furter, referindo-se à educação do mundo capitalista disse:

"A educação para o século XX não existe numa filosofia propriamente dita, mas antes numa ideologia"<sup>23</sup>.

Gabel explica que "o dispositivo que legaliza a atividade educativa se estrutura em função de determinada concepção do homem, da sociedade e de valores. Em relação a esta concepção se estabeleceram determinados fins que se pretende conseguir, usando certos meios informados pela cosmovisão ideologia da qual os fins são princípios derivativos"<sup>24</sup>. Por essa razão, toda a estrutura formal do sistema educativo é

(\*) A partir da Segunda Guerra Mundial, as fábricas de projetores, copiadoras, retro-projetores etc., faturaram altíssimas somas por intermédio das "necessidades" criadas dentro dos países dependentes, em nome da "didática moderna".

decorrente da ideologia dominante que, por sua vez, garante o estabelecimento das formas de relação de produção. Todavia por isso mesmo, ser precedida pela mudança da ideologia normativa existente\*:

Diz José Soria: "O sistema educativo é, portanto, fruto da consciência ideológica, e os resultados que obtém são igualmente ideológicos"<sup>26</sup>.

Essa ação ideológica não só mantém o estudante alienado do contexto social, como distancia o intelectual da ação imediata, evitando que ele faça reflexões sobre o que é determinado pela própria ideologia. Isso provoca a criação, a longo prazo, de uma mentalidade ingênua e temerosa de mudanças. Torna-se assim, o próprio intelectual, agente da ideologia de uma classe a que ele não pertence.

Finalmente, é preciso pontificar que é de muita importância para que se concretizem os objetivos visados pelo trabalho ideológico, a formação de um grupo de especialistas. Esses devem monopolizar, de forma legítima, a práxis pedagógica, e atuam de forma que ratifica todas as regras sociais vigentes e estabelecidas pela classe dominante.

Todo trabalho ideológico se faz dentro de uma correspondência entre escola e sistema produtivo, a partir do fato de que diferentes níveis do sistema escolar se encarregam de prover trabalhadores para os diferentes níveis da estrutura ocupacional, mantendo dessa forma as desigualdades sociais. Gramsci diz que esta elaboração não se faz de maneira abstrata e democrática, porém conforme o processo histórico tradicional concreto<sup>28</sup>.

## CONCLUSÃO

O quadro da ação ideológica que se desenvolve no interior da prática pedagógica dos países dependentes, nos faz pensar que não é fácil propor soluções, uma vez que todos os que adquiriram condição de perceber os problemas, também passaram pela escola e foram influenciados por ela. Romper com o passado é difícil tarefa. O fortalecimento do espírito de classe — como prevê Mannheim — talvez seja o instrumento mais poderoso pelo qual os menos comprometidos com a ideologia reinante poderiam proporcionar modificações. É necessário, em toda oportunidade exercer a crítica consciente no sentido de desalienar o homem, libertando-o e humanizando-o. Isso implica fazer o homem refletir sobre seu mundo próximo, seu mundo histórico, tal qual como se realiza. É preciso levantar uma práxis pedagógica problematizadora, a fim de desenvolver no

(\*) As reformas empreendidas no Sistema Educacional Brasileiro, historicamente analisadas, revelam-nos, em geral, que foram irrelevantes. Na realidade, funcionaram como arranjos das mesmas idéias no mesmo cenário.

educando o poder de compreensão do mundo, não como a realidade que lhe é dada, mas como a realidade-processo que ele vive. Diz Paulo Freire:

“A educação assim exercida, como prática da verdadeira liberdade, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”<sup>29</sup>.

A educação precisa prover o aluno de atitudes e mecanismos capazes não só de prevenir-se da carga ideológica que justifica a situação da dominação, como também prover uma atitude desalienadora, “Assim, ela cumpriria uma função muito diversa da de domesticar, que até hoje vem desempenhando”<sup>30</sup>.

### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda — **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1ª Edição. Nova Fronteira. Rio, 1975.
- (2) ENGELS, F. — **Origem de la Família**. Astel, Buenos Aires, 1946.
- (3) ALTHUSSER, L — **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Portugal, Lisboa, 1976.
- (4) MANNHEIN, K. — **Introdução à Sociologia da Educação**. São Paulo, 1974.
- (5) MARX, K — **O Capital**. Brasiliense, São Paulo, 1975.
- (6) ALTHUSSER, L. op. cit. p. 76.
- (7) IANNI, Octávio — **Imperialismo e Cultura**. Vozes, Petrópolis, 1976.
- (8) ADORNO, Theodora W. — **A Indústria Cultural**. São Paulo, 1971, p.287.
- (9) ADORNO, Theodora W. Op. cit. p. 297.
- (10) ENZENSBERGER, Hans M. — **Elementos para uma Teoria de los medios de comunicación**. Siglo XXI. Madrid, p. 25.
- (11) MARCUSE, Herbert — **Ideologia da Sociedade Capitalista**. Zahar, Rio, 1976, p. 37.
- (12) EISENSTADT, S.N. — **Modernização: Protesto e Mudanças**. Bel. Rio, 1969, p. 51.
- (13) KUZNETS, Simon — **Modern Economic Growth**. New Haven, 1966, p. 285.
- (14) MARX, K. — **Elementos Fundamentales de la Crítica de la Economía Política**. Vol. I, Siglo XXI, México, 1971.
- (15) KUZNETS, Simon — op. cit. p. 286 — 287.
- (16) MATTELAR, Armand — **Agresión en el Espacio**. Santiago, Chile, 1972.
- (17) BLACKURN, Robin — **A Brief Guide To Bourgeois Ideology**. Welff Edit., London, 1959, p. 37.
- (18) DURKHEIN, Emile — **Educação e Sociologia**. Zahar, São Paulo, 1973.
- (19) FAURE, Edgar — **Educação e Destinos do Homem**. Cadernos Educação. FAE/UFMG. Abril, 1976.
- (20) MANHEIM, K. — op. cit.
- (21) FURTER, Pierre — **Educação e Reflexão**. Vozes, Petrópolis, 1974.
- (22) RIBEIRO, Darcy — **A Universidade Necessária**. Paz e Terra, Rio, 1975.
- (23) FURTER, Pierre — op. cit.
- (24) GABEL, I. — **La Fausse Conscience**. Paris, 1972.
- (25) KAHN, P. — **Ideologia de La Connaissance**. dans L'ceve de Karls Mannheim. Paris, 1950.

- (26) SORIA, José Enacio Lopes — **Educação Ideologia**. Cadernos Educação, FAE/UGMG, 1976.
- (27) GOES, Paulo, — **Conferência pronunciada em Assunção**, Paraguai, 1964, BID.
- (28) GRAMSCI, A. — **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Cia. Edit. Brasileira. Rio, 1968.
- (29) FREIRE, Paulo — **Pedagogia do Oprimido**. Vozes, Petrópolis, 1975, p. 81.
- (30) SORIA, José Enácio Lopes — Op. cit.